



Marcos Santos/USP Images

**A Editora da Universidade de Brasília:
cultura e política na construção
de um catálogo editorial (1961-1964)**

Marisa Midori Deaecto

resumo

A Editora da Universidade de Brasília completou, em 2021, sessenta anos. É a mais antiga em atividade no Brasil. Para registrar esta efeméride, a autora resgata, no presente artigo, o processo de construção da editora, à luz do programa editorial da coleção Biblioteca Básica Brasileira.

Palavras-chave: Editora da Universidade de Brasília; história do livro; Biblioteca Básica Brasileira.

abstract

In 2021, the University of Brasília Press celebrated its sixtieth anniversary. It is the oldest in activity in Brazil. To record this anniversary, the author rescues, in this article, the process of construction of the publishing house, in the light of the editorial program of the Biblioteca Básica Brasileira collection.

Keywords: *University of Brasília Press; book history; Biblioteca Básica Brasileira.*

“Em suas conversas com Kuffer, Dimitrijevic usou duas palavras para definir o ofício do editor: barqueiro e jardineiro [...] Tanto o barqueiro quanto o jardineiro aludem a algo que preexiste: um jardim ou um viajante a ser transportado. Todo escritor possui em si mesmo um jardim a ser cultivado e um viajante a ser transportado”
(Calasso, 2020, p. 134).

“E chegou a hora dos professores universitários brasileiros seguirem a regra de ouro dos avisados colegas norte-americanos: *publish or perish!*”
(Bosi, 1987, p. 9).

As editoras universitárias brasileiras são relativamente novas, tanto quanto nossas universidades. Se comparadas com as mais antigas editoras universitárias europeias, Oxford (1478) e Cambridge (1534), diríamos que elas se encontram na era dos incunábulo. No entanto, o critério de longevidade não nos parece suficientemente esclarecedor quando se trata de reconhecer a presença e a força com que atuam no mercado editorial, uma realidade que vem se confirmando desde meados da década de 1980.

Sob a ótica do mercado, o cenário atual é menos otimista, particularmente no que toca o subsetor de livros científicos, técnicos e profissionais (CTP), para o qual contribuem mais fortemente as editoras universitárias¹. Talvez a crise encontre suas raízes justamente

no fato da produção editorial universitária ter se colocado diante de uma falsa aporia, exposta na epígrafe do presente artigo sob a fórmula um tanto constrangedora do *publish* ou *perish*. Ou seja, todo o trabalho de construção de um catálogo editorial, fundamentado

1 Em 2020, Mariana Bueno e Henderson Füst apresentaram o seguinte balanço do setor: “Segundo a *Série Histórica da Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*, as editoras de livros científicos, técnicos e profissionais (CTP) registraram, em 2019, o pior resultado em mais de dez anos em que o mercado é analisado, apresentando uma queda acumulada de 41% em termos reais nos últimos 14 anos. Esse resultado negativo teve início em 2015 e, de lá para cá, o subsetor registra decréscimo acumulado de 50% em termos reais. É válido notar que essa queda ocorre após o segmento registrar crescimento substantivo no período imediatamente anterior (2006-2014), com variação positiva de 16,7%”.

MARISA MIDORI DEAECTO é professora livre-docente de História do Livro da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e autora de, entre outros, *O império dos livros* (Edusp).

no princípio da produção e difusão do conhecimento, o que faz do editor, nas palavras de Calasso, um jardineiro pronto a transformar a matéria bruta em arte, reduziu-se ao quadro frio do produtivismo. Diante disso, por que uma universidade pública deveria investir seus recursos na edição de livros? Dentre tantas respostas possíveis: “porque seu objetivo principal é o atendimento às necessidades da comunidade acadêmica, a editora universitária pode elaborar uma política editorial centrada [eu acrescentaria, *exclusivamente*] no aspecto acadêmico” (Franchetti, 2017, p. 41). Mas, se porventura o “aspecto acadêmico” se reduz ao *publish* ou *perish*, parece óbvio que a produção entra em crise. Porque, afinal, toda a cadeia, do autor ao leitor, do original ao livro, perde a sua razão de ser.

Com vistas nos dados alarmantes que se vislumbram nos dias de hoje, parece instrutivo recuperar as origens de uma importante editora universitária brasileira que, em 2021, celebrou 60 anos.

A Editora da Universidade de Brasília (Ed. UnB) iniciou sua história em 1961, seguida pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), fundada no ano seguinte. As duas conformaram, nas suas origens, projetos e modelos de gestão bem destoantes², de par com o caráter não menos diverso de suas instituições matrizes. Estas iniciativas buscaram responder a uma demanda crescente, apenas em

parte atendida pelo mercado, de obras científicas em língua portuguesa, as quais vinham preencher os programas de um ensino superior em plena expansão, tanto do ponto de vista institucional quanto do público universitário.

Para se ter uma ideia da conjuntura em que estas duas editoras universitárias se inserem, cumpre observar que desde o final da Segunda Guerra Mundial o mercado apontava diferenças qualitativas expressivas em relação ao primeiro movimento de “nacionalização” da produção editorial brasileira, tal como observado na década de 1930. Se, naquele momento, a ficção nacional emergia na linha de frente dos catálogos das principais editoras em atividade (Miceli, 1979) – embora não se possa negligenciar a importância das coleções voltadas para os estudos brasileiros, como a *Brasiliana*, publicada pela Companhia Editora Nacional, e a *Documentos Brasileiros*, por sua concorrente direta, a Editora José Olympio, para nos fixarmos nos exemplos mais flagrantes –, nas décadas de 1950-60 os títulos de autores nacionais e estrangeiros voltados para o público universitário na área de ciências humanas entram na mira dos editores³. Segundo Florestan Fernandes (1962, p. 4),

2 A Edusp sustentou, de 1962 a 1985, o sistema de coedição, tendo sido, à época, alvo de muitas críticas por seus pares. Segundo Vianney Mesquita (1984, p. 91), antigo diretor da Editora da Universidade Federal do Ceará (UFC): “Aquilo que as editoras privadas fazem com a Edusp, nas coedições, nada mais é que garantir o retorno do capital aplicado antes mesmo de iniciar a vendagem do público consumidor. A editora comercial fez, às custas da Edusp, um investimento garantido, sem margem de risco!”.

3 Um levantamento dos títulos em estoque das editoras inventariadas no volume *Edições Brasileiras 1-3* (janeiro de 1963/março de 1965), 1963-1965 (apud Hallowell, 2005, p. 536), dá bem a medida da riqueza e diversidade do mercado às vésperas do Golpe de 64: Nacional, 406 títulos; Freitas Bastos, 314; Melhoramentos, 310; Forense, 173; Biblioteca do Exército, 149; Editora Civilização Brasileira, 137; Ao Livro Técnico, 127; Cultrix, 124; Vecchi, 122; José Olympio, 115; Saraiva, 110; Pensamento, 88; Atlas, 81; Distribuidora Record, 79; O Cruzeiro, 72; Francisco Alves, 68; Difusão Europeia do Livro (Difel), 67; Martins, 64; Vitória, 61; Agir, 60; Editora do Autor, 50; São José, 46; Herder, 45; Boa Leitura, 45; Globo, 40; Minerva, 40; Zahar, 39; Pongetti, 37; Revista dos Tribunais, 37; Edart, 34; Edameris, 32; Acadêmica, 30; Aguilar, 28; Biblos, 27; José Álvaro, 22; Vozes, 22; Brasil-América, 20; Mestre Jou, 17; Trabalhistas, 14; Jackson, 11; Colibri, 8; Alfa, 2; Mérito, 2.

“[...] parece patente que a vitalidade das experiências universitárias está modificando, radicalmente, os centros de interesse e os padrões de preferência dos consumidores de livro. Já existe um público, embora ainda vacilante, para o ‘livro universitário’, o que cria perspectivas novas para as editoras, para os autores e também para os leitores, que poderão libertar-se progressivamente da dependência do livro estrangeiro”.

Urgia, portanto, que as universidades criassem uma estrutura editorial própria, ou seja, algo além dos serviços gráficos preexistentes⁴.

É nesse sentido que a experiência da UnB será recuperada no presente artigo, ou seja, de um lado, interessa observar as condições de implantação da editora como parte constitutiva de uma universidade totalmente nova, condizente com a criação de uma nova capital, no interior do Brasil. Por outro lado, pretende-se lançar luz sobre o programa de publicações que embasou a formação do primeiro catálogo da Ed. UnB, discutir o significado inovador da proposta, mas também os seus limites. Nesse ponto, interessa captar o processo de construção da Biblioteca Básica Brasileira, a BBB, tanto do ponto de vista de seu repertório quanto dos intelectuais que atuaram para a publicação dos dez primeiros títulos.

4 A bibliografia especializada aponta o pioneirismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) ao fundar sua gráfica e impressora de livros em 1955. Mas, nesse caso, não houve necessariamente um projeto editorial que guiasse os serviços gráficos prestados pela universidade. Para uma história completa das editoras universitárias brasileiras, consultar Leilah Santiago Bufrem (2001).

TRADIÇÃO-INOVAÇÃO NO PROGRAMA DA ED. UNB

A Editora da Universidade de Brasília foi fundada sob a direção de Artur Neves⁵. Informação altamente reveladora, dado o seu protagonismo no mercado de livros paulista na década de 1940, à frente da Brasiliense, editora fundada por Caio Prado Jr., que teve Monteiro Lobato como sócio. O momento, já o dissemos, era de otimismo. Afinal, a abertura de uma universidade na recém-criada capital do Brasil vinha de par com os programas nacional-desenvolvimentistas de João Goulart. Podemos mesmo dizer que o projeto editorial da Ed. UnB condizia com um plano tão munificente quanto ousado como o foi a construção de Brasília e de sua universidade. Celebrava-se, enfim, o princípio da Educação como um pilar para o progresso brasileiro, segundo seus principais ideólogos⁶.

5 Artur Heládio Neves nasceu em 1916, em Ribeirão Bonito. Perdeu o pai muito jovem e seguiu para São Paulo, onde ingressou na gráfica Revista dos Tribunais, de Nelson Palma Travassos. Dali seguiu para a Companhia Editora Nacional, tornando-se braço direito de Octalles Marcondes Ferreira. Era membro da Juventude Proletária Estudantil e frequentava a União dos Trabalhadores Gráficos. Em 1935, foi preso junto com vários trabalhadores na Imprensa Oficial do Estado. A militância comunista, o amadurecimento profissional e intelectual, mas também o círculo de amizades, conduziram-no à Editora Brasiliense. Dali, ele partiria para um novo desafio, a Editora da Universidade de Brasília (Iumatti, 2016, pp. 127-174).

6 Devemos lembrar a importância da atuação de Anísio Teixeira e de Fernando de Azevedo nos projetos de renovação do ensino no Brasil, desde a década de 1930. Eles estarão à frente de várias iniciativas editoriais, tendo influenciado, inclusive, jovens editores, a exemplo de Ênio Silveira, editor-fundador da revista *Atualidades Pedagógicas*, cuja história longa (1931-1981) não pode ser contada sem a presença desses dois grandes formuladores da educação brasileira. (Toledo, 2020; Silveira, 2003).

Darcy Ribeiro (primeiro reitor da UnB) e Anísio Teixeira estiveram à frente daquela iniciativa vanguardeira (Bomeny, 2016, pp. 1003-28). No *Plano Orientador da Universidade de Brasília (1962)*⁷ a editora figura no arrolamento do patrimônio da instituição com um fundo rotativo próprio, no valor de Cr\$ 50.000.000,00. Para se ter uma ideia da importância dessa dotação, cumpre destacar que, no mesmo período, era este o valor declarado dos lucros da Rádio Nacional, noutros termos, do principal e mais popular veículo de comunicação do país. A missão da editora é explicitada no mesmo documento, que passamos a citar:

“Traduzir para o português as principais obras do patrimônio cultural, científico e técnico da humanidade, que ainda não são acessíveis em nossa língua e, sobretudo, fazer elaborar e editar textos básicos para o ensino em nível superior, além de editar a produção científica e literária da própria Universidade. Somos, hoje, um dos maiores importadores de livros técnicos da Espanha, do México e da Argentina. Vale dizer que os alunos de nossas universidades estão estudando em espanhol. A exemplo do que fizeram todos os países modernos, impõe-se editar em português a bibliografia básica para a formação profissional comum, em nível universitário”.

“Traduzir para o português as principais obras do patrimônio cultural, científico e técnico da humanidade” e editar a produ-

7 Este foi o primeiro título da editora, publicado em inglês e português.

ção científica da universidade. O primeiro desafio se coloca, em parte, ainda em nossos dias, dada a demanda permanente de traduções de obras fundamentais para a formação acadêmica e técnica em níveis de graduação e pós-graduação. A partir da década de 80, a deficiência de traduções de textos acadêmicos, cujos investimentos não se justificavam comercialmente, dado o caráter especializado e de circulação restrita de algumas obras, será atacada com maior vigor pelos editores universitários em ascensão, o que não passou isento de críticas lançadas por seus próprios pares, interessados, como estavam (e ainda estão), em enfatizar ou até mesmo priorizar a publicização dos resultados das pesquisas realizadas em suas instituições⁸.

O segundo ponto, a saber, “editar a produção científica e literária da própria Universidade”, pode ser interpretado em duas chaves: como um compromisso que se ratifica por escrito com a instituição *mater*, afinal, não podemos perder de vista o caráter oficial do documento, mas, também, como resposta a uma tendência flagrante no mercado, que consistia na aproximação de editoras particulares com institui-

8 Por mais contraditório que possa parecer, a maior parte das editoras universitárias “foram instaladas no bojo da ditadura. Tendo na origem a imprensa oficial, a maioria das editoras federais mais antigas data dos anos 70, sendo que sua expansão foi resultado da confluência de dois interesses: dos editores das gráficas de universidades federais, que desde 1976 se reuniam para debater temas como padronização dos impressos, custos, melhor aproveitamento dos equipamentos; e do MEC, que em 1981 criou um programa especial, o Proedi, para estimular ‘a publicação da produção científica e intelectual das IES [Instituições de Ensino Superior], tanto para fomentar o debate crítico [...] como para dar o imprescindível apoio ao avanço do desenvolvimento científico e tecnológico nacional” (Guedes & Pereira, 2000, p. 78).

ções de ensino e de pesquisa emergentes no Rio de Janeiro e em São Paulo. Artur Neves, como assinalado, um dos mentores da Brasiliense, tanto quanto Darcy Ribeiro, mentor intelectual da Ed. UnB, conheciam bem o cenário intelectual da época.

Em 1957, a Editora Zahar fazia sua estreia na praça carioca com o slogan “A Cultura a Serviço do Progresso”. No catálogo de abertura, o *Manual de sociologia*, de Rumney e Meier, traduzido por Octavio Alves Velho, e *Democracia e direito*, de Jerome Hall, com tradução de Arnold Wald e Carly Silva, e introdução de Paulo Dourado Gusmão. Para se ter uma ideia da euforia com que o novo empreendimento editorial foi recebido, citamos a notícia publicada n’*O Estado de S. Paulo*, de 28 de setembro de 1957 (apud Cataldo, 2017, p. 237)⁹:

“[...] a falta de bons textos didáticos constitui uma das maiores dificuldades com que se defrontam os professores de Ciências Sociais no Brasil. Por isso, é sempre oportuna e causa interesse a tradução e a edição, em português, de livros que podem ser utilizados em cursos de iniciação científica dessas matérias, pois elas sempre concorrem para criar ou para aumentar os hábitos de leitura dos principiantes”.

A Editora Civilização Brasileira já investia, por seu turno, em traduções de obras de ciências humanas, especialmente, de autores norte-americanos, com os quais o editor estabelecera relações durante um estágio

9 Além do artigo citado, valemo-nos do livro de Paulo Roberto Pires (2017).

na Universidade de Columbia¹⁰. Além disso, Ênio Silveira dialogava com representantes de diferentes setores progressistas brasileiros, entre pensadores já bem estabelecidos como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, passando por intelectuais do Iseb¹¹, órgão fundado durante o governo de Juscelino Kubitschek, portanto, representativo do pensamento nacional-desenvolvimentista em voga, e militantes do PCB, partido que, a partir de 1947, após um êxito eleitoral histórico para representantes (deputados e senadores) do Legislativo, foi uma vez mais relegado à clandestinidade¹².

Outras editoras surgiram com fôlego novo e, vale dizer, boa dose de altruísmo, como observa Florestan Fernandes ao comentar o aumento das publicações de livros universitários, no limiar da década de 60. O autor salienta a importância, por exemplo, do “Fundo Universal de Cultura, Zahar Editores, Livraria Pioneira Editora, Ibrasa, Edart etc.”, além de coleções lançadas por “antigas editoras”, a exemplo da “Com-

10 Para se ter uma ideia da afinidade do governo com os programas editoriais em evidência, o que nos permite compreender as orientações expressas no plano da Ed. UnB, relata Ênio Silveira: “Um pouco antes do Golpe de 64, surgiu no Rio de Janeiro um rumor de que, numa reforma ministerial, eu seria o próximo ministro da Educação [...]. Era um rumor, e por isso não dei crédito, achei que era uma brincadeira” (Silveira, 2003, p. 63).

11 O Iseb foi fundado em 1955. Participaram do projeto inicial Hélio Jaguaribe, Guerreiro Ramos, Cândido Mendes de Almeida, Álvaro Vieira Pinto e Nelson Werneck Sodré. Os dois últimos, vale sublinhar, compuseram a equipe editorial da UnB (ver doc. infra).

12 Nesse aspecto, é notável a atuação, na década de 1940, da Editorial Vitória e da Calvino Editores. O componente nacional-popular de suas edições se torna evidente nos catálogos, embora as editoras não abram mão de publicações teóricas e de cunho social internacionais (Editorial Vitória, 1946) (Deaecto & Mollier, 2013; De Luca, 2014; Juberte, 2023).

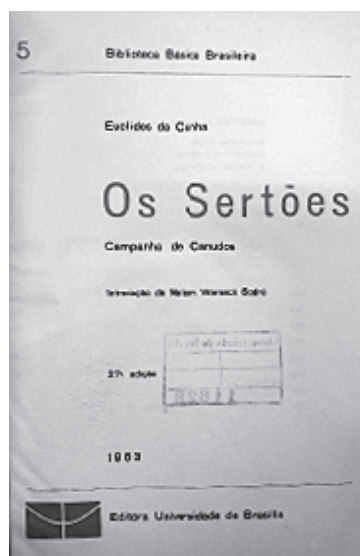
panhia Editora Nacional (com a Biblioteca Universitária, que já conta com duas séries em plena atividade: a de filosofia e a de ciências sociais) e da Difusão Europeia do Livro (com sua Coleção Corpo e Alma do Brasil e suas importantíssimas séries sobre História – do Brasil, Universal e da Ciência)” (Fernandes, 1962, p. 4).

É, portanto, nesse ambiente de agitação intelectual e política que o programa editorial da UnB se define. Os caminhos eram muitos, compatíveis com a sua missão (ver documento supra). No caso das traduções, elas demandavam tempo e um trabalho ulterior de prospecção, tal como o realizado pela Zahar, Civilização Brasileira e Difel. A produção docente da UnB estava certamente no horizonte de realizações, mas estas viriam à luz apenas a médio prazo, pois a universidade acabara de inaugurar seus cursos. Talvez seja por esse motivo que, na prática, a Ed. UnB tenha priorizado, como previsto no documento acima citado, um terceiro ponto: “sobretudo, fazer elaborar e editar textos básicos para o ensino em nível superior”. Prevaleceu, portanto, nesse momento de constituição do catálogo editorial, o projeto de construção de uma biblioteca brasileira que expressasse o espírito e a visão de mundo dos idealizadores da UnB.

A BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA: ENSINO E POLÍTICA

A iniciativa foi apresentada em 1963, nos termos seguintes:

“A Editora da Universidade de Brasília editará, em 1963, em convênio com o Ministério da Educação e Cultura, os 10 (dez) primeiros



Folha de rosto de *Os sertões. Campanha de Canudos*, de Euclides da Cunha.

Toda a coleção obedece a um mesmo padrão gráfico: formato 16 x 24, folha de rosto em duas cores, seguindo o logo da editora em verde, com o traçado do plano piloto vazado, no pé da página. O número e o nome da coleção seguem no cabeço. As duas seções, cabeço e pé, são demarcadas por fios para conferir equilíbrio à página

volumes de uma coleção uniforme denominada Biblioteca Básica Brasileira. Essa coleção, que no futuro deverá enfeixar 100 (cem) obras de autores nacionais, selecionadas através de amplo inquérito, constitui [...] um conjunto de livros indispensáveis para o conhecimento do nosso país e do homem brasileiro” (apud Lacerda, 2018, p. 3).

Sem dúvida, uma coleção ambiciosa, ao prever a publicação simultânea de dez títulos, com tiragem inicial de 15 mil exemplares, totalizando 150 mil livros. Entre setembro de 1962 e janeiro de 1963, Darcy Ribeiro estava à frente do Ministério da Educação do governo provisório de João Goulart, o que tornou factível o programa editorial nos

moldes apresentados, sobretudo, em termos financeiros (ver Quadro 1).

Ana Regina Luz Lacerda situa a Biblioteca Básica Brasileira (BBB) dentro de um quadro mais amplo de coleções brasileiras. Como observa a autora, o projeto dá continuidade, dentro de suas especificidades, a projetos editoriais que se notabilizaram nos anos 1930, a saber, a Biblioteca Pedagógica Brasileira, da Companhia Editora Nacional, e a Coleção Documentos Brasileiros, da Editora José Olympio, ambas em atividade, embora sem o mesmo fulgor dos primeiros tempos¹³.

A esses projetos assinalados pela autora é preciso acrescentar a iniciativa capitaneada por Paul Monteil, fundador da Livraria Francesa de São Paulo e editor-proprietário da Difusão Europeia do Livro (Difel). Além de se voltar para a tradução de títulos universitários franceses, ele publicou a Coleção Corpo e Alma do Brasil, dirigida por Fernando Henrique Cardoso, de 1951 a 1970, projeto que congregou uma fração importante do pensamento universitário brasileiro ou, pelo menos, a expressão daquele “sopro de radicalismo”, para retomar um termo cunhado por Antonio Candido, nascido no coração da Rua Maria Antônia¹⁴. Haveríamos de destacar, ainda, os programas de

brasileiras financiados pelo Instituto Nacional do Livro (Bragança, 2009); outrossim, embora de forma mais episódica, mas nem por isso menos relevante, o *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*, dirigido por Rubens Borba de Moraes e Willian Berrien (Gráfica e Editora Souza, 1949.)¹⁵. O bibliófilo brasileiro coordenará, inclusive, o curso de Biblioteconomia da UnB ao qual aparece vinculada a Biblioteca Central.

A edição de um repertório bibliográfico brasileiro não constituía, portanto, fato incommum. Além dos exemplos citados, devemos lembrar que Nelson Werneck Sodré publicou, em 1945, *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Pelo que se depreende do Prefácio à primeira edição, a pesquisa se dera a convite da Editora Leitura¹⁶. Aliás, este título se reveste de uma importância maior para nosso estudo justamente porque, passadas duas décadas desde a sua primeira edição, ele será revisto para compor o primeiro volume da Biblioteca Básica Brasileira (BBB) – agora, em uma terceira edição.

Passado e presente, tradição e inovação se amalgamam, portanto, na BBB. Ou seja, ao contrário da tendência verificada

13 Na verdade, é muito rica a produção editorial sobre o período. Sobre o tema, assinalamos a pesquisa fundamental de Fábio Franzini (2010).

14 O primeiro título da Coleção Corpo e Alma do Brasil foi *Novos estudos de geografia humana*, de Pierre Monbeig (1957), em seguida, foi publicado *Brasil, terra de contrastes*, de Roger Bastide (1959), e *Mudanças sociais do Brasil*, de Florestan Fernandes (1960), para ficarmos nos três primeiros títulos desse empreendimento tão bem-sucedido, sob a direção de Fernando Henrique Cardoso, que projetou a segunda geração de docentes da FFCL-USP (Marchetti, 2023).

15 “O projeto, originalmente concebido como *Handbook of Brazilian Studies*, com financiamento generoso de instituições como o American Council of Learned Societies e a Rockefeller Foundation” demarcou um momento importante das relações Brasil-Estados Unidos (Nicodemo, 2019, pp. 67-84).

16 “A importância que demos à organização deste livro ressalta do nome escolhido – o do historiador e sociólogo Nelson Werneck Sodré, como um dos mais indicados para realizá-lo nos moldes que havíamos idealizado”. “Nota dos Editores” (Sodré, 1945, p. 10). Aliás, o título compõe o segundo volume da Coleção Conhecimento do Brasil, a qual fora inaugurada com a tradução, por Aurélio Domingues, da obra de Oliveira Lima, *Formação histórica da nacionalidade brasileira*, prefaciada por Gilberto Freyre a convite do editor (como se lê nas orelhas do volume de Werneck Sodré).

QUADRO 1

A Biblioteca Básica Brasileira da Ed. UnB (1963)		
Volume	Referência Bibliográfica	Cit. por Nelson Werneck Sodré (seção)*
1	Manoel Said Ali. <i>Gramática secundária da língua portuguesa</i> . 3ª edição adaptada à nomenclatura gramatical brasileira por Evanildo Bechara; e <i>Gramática histórica da língua portuguesa</i> . 3ª edição revista e anotada por Maximiano de Carvalho e Silva. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1964. 249 pp.; 375 pp.	-
2	João Capistrano de Abreu. <i>Capítulos de história colonial (1500-1800) & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil</i> . 5ª ed. revista, prefaciada e anotada por José Honório Rodrigues. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963. xix, 402 pp.	4. A Literatura/ B. Fontes principais
3	José Veríssimo. <i>História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)</i> . 4ª ed. Introdução de Heron de Alencar. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963. xxvi, 319 pp.	4. A Literatura/ B. Fontes principais
4	Fernando de Azevedo. <i>A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil</i> . 4ª edição revista, ampliada e ilustrada. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963. 803 pp.	4. A Literatura/ B. Fontes principais
5	Euclides da Cunha. <i>Os sertões. Campanha de Canudos</i> . 27ª ed., 4 mapas. Introdução de Nelson Werneck Sodré. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963. xlv, 474 pp.	27. A crise da República/ C. Fontes subsidiárias
6	Celso Furtado. <i>Formação econômica do Brasil</i> . Introdução de Francisco Iglésias. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963. xxxiv, 309 pp.	2. Estudos econômicos/ B. Fontes principais
7	Gilberto Freyre. <i>Casa-grande & senzala</i> . 12ª edição brasileira, 13ª edição em língua portuguesa. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963. 589 pp.	3. Estudos sociais/ B. Fontes principais
8	Joaquim Nabuco. <i>Minha formação</i> . Introdução de Gilberto Freyre. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963. xxiii, 260 pp.	6. Os costumes/ 2) Memórias e correspondências/ B. Fontes principais
9	Manuel Antônio de Almeida. <i>Memórias de um sargento de milícias</i> . Introdução de Mário de Andrade. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963. xxiv, 228 pp.	4. A Literatura/ D. Um roteiro literário
10	Sérgio Buarque de Holanda. <i>Raízes do Brasil</i> . Introdução de Antonio Candido. 4ª edição revista pelo autor. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963. xv, 228 pp.	17. A Sociedade colonial/ B. Fontes principais

Fonte: Lacerda, 2018

* Na segunda coluna é possível observar a seção na qual o título figura em: Sodré (1945)

entre os editores citados anteriormente, cujas coleções brasileiras eram formadas por textos originais, a BBB foi composta com um repertório de textos clássicos da literatura nacional, de modo a conformar seu próprio cânone. A presença de Nelson Werneck Sodré, convidado diretamente por Darcy Ribeiro para contribuir com a editora, foi fundamental nesse primeiro momento de construção do repertório bibliográfico. E sua presença não se resume à edição daquele que deveria ter sido o primeiro volume da coleção. Como deixa entrever Artur Neves na missiva endereçada ao general comunista, datada de 8 de julho de 1963, o que se estabelece entre autor e editor é uma parceria que se pretendia longeva¹⁷.

A missiva se divide em três tópicos. O primeiro aborda questões relativas aos “direitos autorais”. As informações são preciosas, pois nos permitem concluir que o projeto de edição dos dez primeiros títulos da BBB não se sustentava nem do ponto de vista financeiro (aliás, ele era subvencionado pelo Ministério da Educação), nem mercadológico, pois a editora não detinha o direito de exclusividade sobre os títulos. Como explica Artur Neves:

“Como não se trata de uma cessão definitiva de direitos, uma vez que o livro poderá ser publicado simultaneamente pelo autor ou por outra editora, para venda através das livrarias, só poderemos pagar 7% (sete por cento) sobre o preço médio do volume (Cr\$ 1.500,00). Como a nossa edição vai

ser de 15.000 (quinze mil exemplares), isso significa que cada autor receberá Cr\$ 1.050.000,00 (hum milhão e cinquenta mil cruzeiros) como direitos autorais”.

No tópico “Bibliografia”, o editor informa que os trabalhos de Wanda de Alencar estavam bem avançados. Aprenderemos, mais tarde, tratar-se da difícil tarefa de identificar nas bibliotecas brasileiras os títulos inseridos no repertório de *O que se deve ler*, com vistas a facilitar a busca dos leitores, pois, como pondera o autor, nem todas as edições eram de fácil acesso no mercado – aliás, esta é uma informação importante, pois não apenas confirma a hipótese de que as editoras vinham responder positivamente a uma demanda reprimida por títulos valorizados no ambiente acadêmico, mas também porque esta ideia definirá os dez títulos selecionados para compor a coleção BBB¹⁸. Além disso, ele solicita a Werneck Sodré o encaminhamento dos originais emendados diretamente à Revista dos Tribunais (que imprimia, de ordinário, os livros da Brasiliense, entre outras editoras em atividade). Ao que acrescenta: “Todos os outros livros já estão sendo compostos” nesta gráfica – assim, a possibilidade de um lançamento grandioso, dos dez primeiros volumes da coleção de uma só vez, ganha peso nesta passagem.

Em “Prefácio para *Os sertões*”, o último tópico desenvolvido na carta, Artur Neves esclarece que Werneck Sodré mantinha uma contribuição assídua com a Ed. UnB, a qual durou “todo o primeiro semestre”. E que

17 Nesse ponto o artigo de Ana Regina Luz Lacerda é certeiro, ao lançar luz sobre o papel de Nelson Werneck Sodré na construção da Biblioteca Básica Brasileira da Ed. UnB.

18 Carta de Artur Neves ao general Nelson Werneck Sodré, Brasília, 8 de julho de 1963, 2 fls.

não tinha prazo para acabar, pois era esperada a “sua vinda definitiva, bem como a do Vieira Pinto [filósofo do Iseb]”. No mais, o editor tem interesse particular por seu escrito sobre *Os sertões*, de Euclides da Cunha, recomendando-lhe, todavia, justificar sua inserção na BBB, por ser “muito conveniente do ponto de vista editorial”, bem como acrescentar o estudo de Rui Facó, “que soube ligar tão bem a luta de Canudos com as lutas gerais dos composeses [sic] brasileiros pela conquista da terra”¹⁹.

Como podemos observar no programa da Biblioteca Básica Brasileira (Quadro 1), foram lançados nove títulos no ano de 1963. A obra de abertura surgiu apenas em 1964 e não contemplou o esquema original, a saber, uma terceira edição revista, atualizada e ampliada de *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Importa, nos limites do presente artigo, acentuar que, em meio a vários projetos de brasilianas, foi o repertório construído por Nelson Werneck Sodré, naquele volume compacto editado pela Leitura, que Darcy Ribeiro acolheu para o programa de sua primeira coleção editorial. *Nota bene*: o primeiro programa editorial da recém-fundada UnB.

E por que *O que se deve ler para conhecer o Brasil* não veio a lume? O que se deu depois pode bem ser representado pelo destino do original datiloscrito de Werneck Sodré:

“Sobreveio o golpe de abril de 1964, a que se seguiu a implantação da ditadura: fui preso, Darcy Ribeiro escolheu o caminho

do exílio, a professora Wanda de Alencar acompanhou seu marido na fuga para o estrangeiro, o ilustre mestre de literatura Heron de Alencar [...]. Fui informado de que [meus] originais haviam sido destruídos e que este livro fôra, pelos novos dirigentes da Universidade de Brasília, convenientemente expurgado da biblioteca básica a ser lançada, substituído por outro título, de natureza diversa” (Sodré, 1967, p. 19).

De fato, o projeto original da Ed. UnB teve vida curta, abortado logo após o Golpe de 1964. Esse primeiro impulso semeou, todavia, um projeto político e autoral, vocacionado a pensar a produção de livros a partir de um programa integrado à instituição universitária e à visão de mundo de seus gestores. Os limites desse projeto não se colocaram apenas pela conjuntura política, é verdade, mas também pela estranheza com que a inovação pretendida por seus editores vinha chancelada por um repertório extemporâneo, senão, conformado à luz de um primeiro ensaio bibliográfico realizado por Werneck Sodré. A Biblioteca Básica Brasileira, formada maciçamente pela reedição de estudos clássicos, respondia, enfim, a um único propósito previsto no programa editorial da Ed. UnB, a saber, “fazer elaborar e editar textos básicos para o ensino em nível superior”. Edições de alto padrão gráfico e intelectual, como denunciavam seus paratextos, cujo repertório, tantas vezes reeditado, ainda demonstra o seu vigor na formação do leitor crítico brasileiro.

19 A obra de Euclides da Cunha, *Os sertões. Campanha de Canudos* (27ª edição), foi publicada com o texto introdutório de Nelson Werneck Sodré, mas sem o estudo de Facó.

REFERÊNCIAS

- BOMENY, H. "Universidade de Brasília: filha da utopia de reparação". *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, número especial *Sociedade e Estado 30 anos – 1986-2016*, pp. 1003-28.
- BOSI, A. "Plural, mas não caótico". *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo, Ática, 2002 [1ª ed. 1987].
- BRAGANÇA, A. "As políticas públicas para o livro e a leitura no Brasil: o Instituto Nacional do Livro (1937-1967)". *Matrizes*, ano 2, n. 2. São Paulo, 2009, pp. 221-46.
- BUENO, M; FÜST, H. "Para onde foram os leitores de CTP? – Uma análise da conjuntura brasileira". *Publishnews*, 11 nov. 2020. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2020/11/11/para-onde-foram-os-leitores-de-ctp-uma-analise-da-conjuntura-brasileira>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- BUFREM, L. S. *Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática*. 2ª ed. São Paulo, Edusp/Com-Arte, 2001.
- CALASSO, R. *A marca do editor*. Belo Horizonte/Veneza, Âyiné, 2020.
- CATALDO, F. "A Zahar Editores e seu projeto editorial (1957-1970)". *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. São Paulo, Ateliê Editorial, n. 6, 2017.
- DE LUCA, T. R. "Zé Brasil", in M. Lajolo (org.). *Monteiro Lobato, livro a livro (obra adulta)*. São Paulo, Unesp, 2014.
- DEAECTO, M. M.; MOLLIER, J.-Y. (orgs.). *Edição e revolução: leituras comunistas no Brasil e na França*. Cotia/Belo Horizonte, Ateliê Editorial/Editora UFMG, 2013.
- EDUNB. *Plano orientador da Universidade de Brasília*. Brasília, Editora da UnB, 1962. Disponível em: https://unb.br/images/Noticias/2019/Documentos/PDE_UnB_Plano_Orientador_UnB_1962_LQ.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.
- FERNANDES, F. "Novos empreendimentos editoriais". *O Estado de S. Paulo*, 7 de jul. de 1962, p. 4.
- FERREIRA, J. P. (org.). *Editando o editor 3: Ênio Silveira*. São Paulo, Edusp/Com-Arte, 2003.
- FRANCHETTI, P. "Editoras universitárias, para quê?", in M. M. Deaecto; P. Martins Filho (orgs.). *Livros e universidade*. São Paulo, Com-Arte, 2017.
- FRANZINI, F. *À sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Rio de Janeiro, Ed. FCRB, 2010.
- GUEDES, M. do C.; PEREIRA, M. E. M. "Editoras universitárias: uma contribuição à indústria ou à artesanaria cultural?". *São Paulo em Perspectiva*, 14 (1), pp. 78-84, 2000.
- HALLEWEL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo, Edusp, 2005.
- IUMATTI, P. T. *Arte & trabalho: aspectos da produção do livro em São Paulo (1914-1945)*. São Paulo, Hucitec, 2016.
- JUBERTE, V. de O. *A Editorial Vitória e as edições comunistas no Brasil: da legalidade ao golpe (1944-1964)*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH/USP, 2023.
- LACERDA, A. R. L. "A Coleção Biblioteca Básica Brasileira da Editora Universidade de Brasília e o seu contexto na década de 1960". *Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias*, 2018.
- MARCHETTI, F. *Livraria Francesa e Difel: economia do livro, sociabilidade literária e pensamento universitário em São Paulo (1947-1982)*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH/USP, 2023.

- MESQUITA, V. *Sobre livros: aspectos da editoração acadêmica*. Fortaleza, UFC; Brasília, Proed, 1984.
- MICELI, S. *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-1940)*. São Paulo, Difel, 1979.
- NICODEMO, T. L. "Manual bibliográfico de estudos brasileiros". *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. São Paulo, Ateliê Editorial, n. 7-8, 2019, pp. 67-84.
- PIRES, P. R. *A marca do Z: a vida e os tempos do editor Jorge Zahar*. Rio de Janeiro, Zahar, 2017.
- PONTES, H. "Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das 'Coleções Brasilianas', nas décadas de 1930, 40 e 50". *Boletim informativo e bibliográfico de Ciências Sociais*, n. 26, 2º sem. 1988, pp. 56-89.
- SODRÉ, N. W. "Introdução (3ª ed.)". *O que se deve ler para conhecer o Brasil*, 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- SODRÉ, N. W. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro, Cia. Editora Leitura, 1945.
- TOLEDO, M. R. de A. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. São Paulo, Edusp, 2020.